

**O baixo na família dos metais nas aberturas das óperas de Carlos Gomes:
identificação dos diferentes instrumentos empregados e recomendação
instrumental para a performance na atualidade**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Performance Musical

Alberto Tavares Dias
UFPA/UNICAMP
albtdias@ufpa.br

Paulo Adriano Ronqui
UNICAMP
pronqui@unicamp.br

Resumo. A presente comunicação traz um estudo sobre quais instrumentos foram utilizados por Carlos Gomes em sua escrita para a função do baixo da família dos metais, utilizando como recorte as suas aberturas de ópera. O estudo também recomenda qual instrumento da atualidade pode ser utilizado para a execução das obras. Para uma contextualização sobre o assunto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a formação composicional de Gomes e o cenário na qual escreveu as obras pesquisadas. No baixo da família dos metais, o compositor utilizou os termos oficleide, cimbasso, bombardone ou tuba baixo. No entanto, se levanta a hipótese de que teria pensado apenas no oficleide e na tuba baixo. Por fim, a pesquisa elege a tuba baixo como o instrumento indicado a performance atual das obras pesquisadas.

Palavras-chave. Carlos Gomes, Ópera, Oficleide, Tuba baixo, Cimbasso

Title: The Bass In The Brass Family In The Overtures Of Carlos Gomes Operas: Identification Of The Different Instruments Used And Instrumental Recommendation For Performance Today

Abstract. The present communication brings a study about which instruments were used by Carlos Gomes in his writing for the function of the bass of the brass family, using his opera overtures as a cutout. The study also indicates which current instrument can be used for the execution of works. For a contextualization on the subject, a bibliographic review was carried out on the compositional formation of Gomes and the scenario in which he wrote the researched works. In the bass of the metal family, the composer used the terms oficleide, cimbasso, bombardone and trombone or bass tuba. However, the hypothesis arises that he would have thought only of the ophicleide and the bass tuba. Finally, the research chooses the bass tuba as the instrument indicated for the current performance of the works.

Keywords. Carlos Gomes, Opera, Oficleide, Bass tuba, Cimbasso.

1. Introdução

Este trabalho faz um recorde da pesquisa de doutoramento de um dos autores e possui como objetivos averiguar quais instrumentos foram utilizados ou idealizados para a composição da linha do baixo da família dos metais das aberturas das óperas escritas por Antônio Carlos Gomes (1836 – 1896) e quais instrumentos da atualidade seriam melhor indicados para a execução dessas aberturas.

Antônio Carlos Gomes escreveu, entre os anos de 1861 e 1891, 8 óperas com 11 orquestrações utilizando 5 diferentes indicações de instrumentos para desempenhar a função de baixo na família dos metais.

Observa-se a indicação do **oficleide** em *A Noite no Castello* e *Joanna de Flandres*; o **cimbasso** em *Il Guarany* (nas duas versões de orquestração), em *Fosca* (primeira versão) e em *Salvador Rosa*; empregou o **bombardone** para as óperas *Fosca* (segunda versão), em *Maria Tudor*, em *Lo Schiavo* e em *Fosca* (terceira versão) e a **tuba baixo ou o trombone baixo** para sua última ópera, *Condor*. A possível instrumentação dupla em *Condor* explica a afirmação acima de que Carlos Gomes escreveu para 5 diferentes instrumentos para essa função de baixo da família dos metais. Todos esses instrumentos possuíam em comum o fato de serem instrumentos de metal grave que desempenharam em algum momento a função de baixo do naipe e trabalharam, na maioria das vezes, em conjunto com os trombones, apesar de que, em alguns momentos, trabalhassem em conjunto com o naipe de trompas ou das madeiras graves.

Essa pluralidade na instrumentação de uma única função orquestral na escrita Gomešana é um reflexo da efervescência de diferentes instrumentos de metal que surgiram no século XIX¹. Advento que possibilitou o surgimento de novas tecnologias e possibilidades nas formas, timbres, afinações e tamanho dos instrumentos. De acordo com Harvey Phillips e William Winkle em seu livro *The Art Of Tuba and Euphoium* (1992), Berlioz menciona pelo menos sete instrumentos que poderiam ocupar o papel de baixo na família dos metais, a saber: o oficleide baixo em Si bemol, o oficleide contrabaixo em Fá ou Mi bemol, o bombardão em Fá, a tuba baixo, o serpentão e o sarrusofone. Nas indicações de Carlos Gomes encontramos, ainda, o cimbasso como possibilidade para a mesma função.

¹ Fonte: Segundo KATTHAR “A tuba, na configuração que conhecemos, só pôde ser desenvolvida a partir do surgimento das válvulas, ocorrido em 1815 (KATTHAR, 2014, p. 1). E de acordo com Santos “Construtores trabalharam separadamente na mesma ideia, que tinha como objetivo produzir um pistão que pudesse redirecionar a vibração corrente no instrumento por uma extensão extra” (SANTOS, 2017, p. 113).

Muitos desses instrumentos não são mais utilizados na atualidade pela maioria dos músicos de orquestra que comumente utilizam a tuba baixo, a tuba contrabaixo ou o cimbasso para interpretar o repertório Gomeciano. Esse fato ocorre por diferentes motivos como a dificuldade em se encontrar instrumentos que não são mais costumeiramente empregados ou fabricados, a facilidade técnica dos instrumentos modernos quando comparados com outros não mais usados regularmente² ou a potência sonora possibilitada pelas tubas e pelos cimbassos atuais, já que outros instrumentos da orquestra, em especial os metais, também se transformaram e adquiriram maior amplitude sonora.

Comparado a gama de possibilidades de instrumentos que poderiam ser utilizados no século XIX, as tubas e o cimbasso apresentam um leque menor de opções. No entanto, não há consenso nem uniformidade sobre qual instrumento deve ser utilizado nas aberturas das óperas Gomecianas em orquestras da atualidade, nem mesmo há total acordo sobre qual instrumento foi idealizado na escrita por Carlos Gomes, fato que não é exclusivo da obra deste compositor, como se pode observar no comentário de PHILLIPS e WINKLE:

Em meados do século XIX, a proliferação do baixo na família dos instrumentos de sopro gerou uma variedade de configuração tão grande que muitas confusões de termos e nomenclaturas persistem até o presente. (PHILLIPS e WINKLE, 1992, p. 5).

Com o objetivo de compreender qual o instrumento utilizado pelo compositor, as próximas páginas apresentarão uma reflexão sobre a trajetória composicional de Carlos Gomes e do cenário musical no qual estava inserido quando escreveu suas óperas. Tais ações auxiliaram na resposta sobre o instrumento atual indicado para a performance em cada uma das aberturas de suas óperas.

2. Breve relato sobre trajetória de Antônio Carlos Gomes e influências na orquestração das aberturas de suas óperas.

Filho de Manuel Carlos Gomes (1792 – 1868), tradicional e principal músico da cidade de Campinas, no interior do estado de São Paulo, entre as décadas de 1820 e 1860, Antônio Carlos Gomes recebeu aulas de música com o pai e trabalhou junto com o mesmo e seus irmãos

² Pode-se elencar como facilidades o fato dos instrumentos atuais possuírem afinação mais regular, canos mais largos que proporcionam maior sonoridade com menos esforço, sistemas de pistões mais leves e diferentes ligas metálicas que podem ser empregadas de acordo com preferências dos músicos ou do fabricante.

nas produções musicais da família. Se mudou para a capital do país, Rio de Janeiro, em 1859 (NOGUEIRA 1998), onde, de acordo com Ronqui (2010), “pretendia aprofundar seus estudos e ingressar no Conservatório Imperial do Rio de Janeiro”. Em 1861, tornou-se regente da Ópera Nacional do Rio de Janeiro e no mesmo ano estreou sua primeira ópera *A noite no Castelo*, que lhe rendeu forte renome e importância no cenário musical nacional. Em 1863, estreou *Joana de Flandres*, um novo sucesso que lhe rendeu uma bolsa de estudos em Milão na Itália, onde cursou o *Conservatório Régio de Milano*, local no qual sofreu forte influência da escrita orquestral italiana, por parte de suas aulas com Lauro Rosi e da escrita orquestral francesa, graças às suas aulas com Alberto Mazzucato (KERR, 2016). A partir de 1870 foram estreadas suas óperas de maior projeção: em 1870, *Il Guarany*; em 1872, *Fosca*; 1874, *Salvador Rosa*; 1879, *Maria Tudor*; 1887, *Lo Schiavo*; e em 1891, *Condor*.

Nessas obras Gomes indicou diferentes instrumentos com a função do baixo na família dos metais. Durante sua formação, dois pontos são importantes no que se refere a sua escrita para tal função: o período de aprendizado com seu pai, em um ambiente onde o oficleide foi amplamente utilizado, e suas aulas de orquestração com Mazzucato, especialista em orquestração, adepto da instrumentação francesa e responsável pela primeira tradução para o italiano do Tratado de Orquestração de Berlioz (NOGUEIRA, 2006, p. 76). Tal tratado dedica a tuba baixo um tratamento diferenciado, oferecendo comparações honrosas ao instrumento em relação aos demais baixos da família dos metais. Em seu tratado o compositor explica:

É uma espécie de Bombardão, cujos mecanismos foram melhorados pelo senhor Wieprecht, diretor de todas as bandas de música dos regimentos da Guarda Real Prussiana. A tuba baixo, que agora é amplamente usada no norte da Alemanha, especialmente em Berlin, possui importante vantagem sobre todos os outros instrumentos de sopro grave. Seu som, incomparavelmente mais nobre que o oficleide, bombardões e serpentões, tem algo do timbre vibrante dos trombones (BERLIOZ e STRAUSS, 1948/1991, p. 339).

A Figura 1, retirada da dissertação de KEER (2016), pode ser utilizada para auxiliar na visualização dos instrumentos indicados por Gomes na função do baixo da família dos metais de cada uma de suas óperas, além de apresentar a data de estreia de cada uma delas:

Figura 1 - Quadro onde KERR relata a ópera, seu ano de estreia, a categoria da abertura e o instrumento indicado como baixo na família dos metais.

Ópera	Estreia	Abertura	Instrumento
<i>A noite no Castelo</i>	1861	<i>Prelúdio</i>	<i>Oficleide</i>
<i>Joanna de Flandres</i>	1863	<i>Prelúdio</i>	<i>Oficleide</i>
<i>Il Guarany</i>	1870	<i>Prelúdio</i>	<i>Cimbasso</i>
<i>Il Guarany</i>	1871	<i>Sinfonia</i>	<i>Cimbasso</i>
<i>Fosca</i>	1872/1873 ¹⁰⁵	<i>Prelúdio</i>	<i>Cimbasso</i>
<i>Salvator Rosa</i>	1874	<i>Sinfonia</i>	<i>Cimbasso</i>
<i>Fosca</i>	1878	<i>Prelúdio</i>	<i>Bombardone</i>
<i>Maria Tudor</i>	1879 ¹⁰⁶	<i>Prelúdio</i>	<i>Bombardone</i>
<i>Lo Schiavo</i>	1887	<i>Prelúdio</i>	<i>Bombardone</i>
<i>Fosca</i>	1889	<i>Sinfonia</i>	<i>Bombardone</i>
<i>Condor</i>	1891	<i>Prelúdio</i>	<i>Trombone basso/ Bass-Tuba</i> ¹⁰⁷

Fonte: KEER, 2016, p. 124

A seguir, serão detalhados quais os instrumentos correspondem aos assinalados nas partituras das obras pesquisadas, além da indicação de instrumentos da atualidade que podem ser utilizados para a execução das aberturas.

3. A escolha de cada baixo da família dos metais.

Como mencionado anteriormente, em suas duas primeiras aberturas, *A noite no Castelo* e *Joanna de Flandres*, Carlos Gomes indica o oficleide para a função de baixo dos metais e, até o momento, o levantamento bibliográfico para o trabalho não demonstrou a presença no Brasil de outro dos instrumentos utilizados para essa função na Europa. Outros detalhes levam a acreditar que Gomes realmente escreveu pensando nesse instrumento, uma vez que é observada uma interação do oficleide com os instrumentos de madeira, em especial com os fagotes. Como pode ser observado na Figura 2, em determinados momentos de *Joanna de Flandres* os fagotes e o oficleide possuem o mesmo grau de interação que possuem os violoncelos e os contrabaixos. Além disso, havia expressiva utilização de oficleides nas peças

compostas em Campinas, especialmente na Banda regida por seu pai, Manuel, o que demonstra a familiaridade de Carlos Gomes na escrita desses instrumentos.

Figura 2: Compassos 42, 43 e 44 de Joana de Flandres. Linhas dos fagotes, trombones, oficleide, violoncelos e contrabaixos.

Joanna de Flandres

Carlos Gomes



Compasso 42

Fagote

Trombone

Oficleide

Violoncelo

Contrabaixo

Fonte: Redução criada pelos autores.

Entretanto, é fato que na atualidade a grande maioria das orquestras não utilizam, comumente, o oficleide. Dentre as possibilidades para substituição desse instrumento, a tuba baixo pode ser utilizada, uma vez que apresenta resultado muito além do satisfatório quando se pensa em pontos como possibilidades técnicas, sonoridade e equilíbrio com toda a orquestra:

Existem diversos exemplos na literatura orquestral da substituição do oficleide pela tuba baixo na atualidade, como nas obras de: Berlioz em *Sinfonia Fantástica*, Felix Mendelssohn em *Sonho de Uma Noite de Verão* e Richard Wagner em *Rienzi*. Essas obras foram escritas originalmente para o oficleide executar a parte do baixo da família dos metais e possuem edições e execuções posteriores em que o oficleide é substituído pela tuba baixo.

Deste modo, indica-se a tuba baixo como o instrumento mais adequado para a execução tanto de *A Noite no Catello* como em *Joanna de Flandres*, ambas escritas no Brasil.

Nas subsequentes obras de Gomes estreadas em solo italiano, notadamente *Il Guarany*, *Fosca* e *Salvador Rosa*, ou seja, após seus estudos com Mazzucato, há a indicação do cimbasso.

Há uma grande probabilidade de que Gomes não tenha pensado exatamente no cimbasso para a execução dessas obras e alguns indícios levam a essa observação. Pode-se começar este raciocínio com certas considerações sobre os dois instrumentos que levam tal nome, o cimbasso antigo, que de acordo com KEER “teve sua participação nas orquestras italianas no curto período entre 1825 e 1835” (KEER, 2016, p. 117) e um outro instrumento de mesma nomenclatura utilizado em momento histórico posterior às obras em questão, também conhecido como *trombone basso di Verdi*. A Figura 3 demonstra uma comparação entre os dois instrumentos:

Figura 3 - A esquerda: Cimbasso Antigo. A direita. Cimbasso trombone basso di Verdi



Fonte: KATTHAR 2014, p. 10 e p. 39.

A baixa probabilidade de Gomes ter pensado nesses instrumentos se dá pelo fato do cimbasso antigo já estar em desuso no período em que Carlos Gomes viveu na Itália, sendo um instrumento utilizado por um breve período antes do oficleide ser incorporado a orquestra e do cimbasso moderno, ou *trombone basso de Verdi*, ter sido inventado anos após a escrita dessas

obras, na segunda metade da década de 1880. A pedido de Verdi, o *trombone basso de Verdi* começou a ser desenvolvido e foi utilizado pela primeira vez, por ele, no ano de 1887 na Opera *Otello*. Tais afirmações podem ser observadas nas palavras de KEER:

Um instrumento efêmero nas orquestras, diversos são os motivos que levaram a substituição do cimbasso pelo oficleide e, mais tarde, pelo bombardone. Primeiramente, pela falta de afinidade do cimbasso de madeira com o timbre dos metais - seção que ganhava cada vez maior autonomia na orquestra italiana e exigia para o representante de tessitura baixa do naipe um timbre correspondente, oferecendo sustentação nos graves e fazendo harmonia com os trombones. Há também registros de problemas de entonação e falta de agilidade, ainda que de considerável melhora em relação ao serpentão (KEER, 2016, p. 119).

De acordo com Albert Katthar, “este novo instrumento só foi utilizado nas duas últimas óperas de Verdi, *Otello* (1887) e *Falstaff* (1893)” (KATTHAR, 2014, p. 39). Mesmo assim, o termo cimbasso foi amplamente utilizado em obras anteriores.

Após diversos encontros com o construtor italiano Giuseppe Clemente Pelitti, filho de Giuseppe Pelitti, Verdi teve seu novo instrumento chamado por Pelitti de trombone contrabbasso Verdi, entretanto o compositor sempre chamou este instrumento de trombone basso. Sendo assim, este novo instrumento ficou conhecido com o nome de trombone basso Verdi (KATTHAR, 2014, p. 38).

Então, por que o termo aparece assinalado nas três óperas? Uma possível resposta é pelo fato do termo Cimbasso ter se tornado genérico, já que era utilizado para qualquer instrumento que assumisse a função do baixo da família dos metais. Como pode ser observado nos trabalhos de PHILLIPS e WINKLE (1992), “o termo Italiano cimbasso é tradicionalmente aplicado ao instrumento de metal mais grave da orquestra, podendo ser o trombone baixo, o trombone contrabaixo ou a tuba”. Sobre esse assunto, KERR (2016) e KATTHAR (2014) afirmam:

Fato instigante é que, mesmo após seu desaparecimento das orquestras italianas, o termo cimbasso continuou a ser fortemente empregado nas partituras, levando Meucci (1989) a sugerir para o termo uma derivação de corno baixo, grafado inicialmente como c.basso – ambos os termos, c. basso e cimbasso, possuem pronúncia aproximada na dicção italiana (KERR, 2016, p. 119).

Por muito tempo, o termo cimbasso foi utilizado de maneira genérica servindo para a serpente, o bass horn, oficleide, bombardão e trombones baixo e contrabaixo. Na verdade, este termo sempre esteve associado à voz do mais grave instrumento de sopro da partitura. Isso explica boa parte da confusão causada sobre qual é o cimbasso e qual instrumento deve ser tocado em cada obra. Importante saber que os termos serpentone e bombardone eram frequentemente utilizados como sinônimos na Itália oitocentista (KATTHAR, 2014, p. 38).

Este fato torna difícil a definição de qual instrumento Carlos Gomes pensou para a escrita das três aberturas citadas. Pode-se encontrar uma pista em suas duas novas orquestrações

de *Fosca* e em mais duas novas óperas, *Maria Tudor* e *Lo Ischiavio*. Em tais obras, Gomes utiliza a indicação de *Bombardone* para indicar o instrumento que cumpre a função de baixo da família dos metais.

Torna-se interessante uma reflexão sobre o *Bombardone*, ou bombardão, em português. De acordo com KEER (2016), o *Bombardone* seria um instrumento diferente da tuba, como pode ser visto neste trecho de sua dissertação:

O bombardone não deve ser confundido com a tuba moderna (denominada basstuba, basso tuba ou contrabasso d'armonia, na tradução de Alberto Mazzucato), adotada na orquestras italianas somente em 1881, após votação em congresso divulgado pela Gazzetta Musicale di Milano (KERR, 2016, p. 124).

No entanto, PHILLIPS e WINKLE (1992, p. 5) comentam que a palavra bombardão é comumente aceita como um nome para uma tuba pequena. De acordo com KATTHAR (2014, p. 30), desde que o termo surgiu “sempre houve muita confusão” e ainda prossegue:

Baines (1993) afirma que os construtores alemães, raramente utilizavam o nome oficleide e, sim, o termo *bombardone*. Segundo Bevan (2000), na década de 1820, Johann Riedl de Viena, utilizou o nome bombardão para um oficleide baixo (KATTHAR 2014, p. 30).

Tal citação de KATTHAR (2014) levanta a hipótese de que Carlos Gomes poderia ter usado o termo cimbasso em suas óperas pensando na utilização do oficleide. No entanto, também quando Gomes escrevia para oficleide, deixava claramente marcado pela nomenclatura, como ocorre nas partes da banda da ópera *Lo Schiavo*. No trabalho de KERR (2016) pode-se encontrar a afirmação:

Curiosamente, o oficleide foi instrumento utilizado por Gomes mesmo em sua fase italiana, mas não como representante grave dos metais da orquestra e sim em naipe independente, geralmente na função de instrumento de banda sobre o palco – o que ocorrerá em *Lo Schiavo* (KEER, 2016, p. 132).

Vale lembrar que Berlioz descreveu a tuba baixo como um “bombardão cujos mecanismos foram melhorados” (BERLIOZ e STRAUSS, 1948/1991, p. 339). Na publicação de PHILLIPS e WINKLE (1992, p. 6) encontra-se a afirmação que o termo bombardão era utilizado por muitos fabricantes de tuba com afinação em Fá, como uma manobra para driblar a patente existente dos fabricantes de tuba Willian Wieprecht e Johann Mortiz, que registraram o termo *Bass-Tuba* para o seu instrumento de corpo cônico de 5 válvulas e afinação em Fá³.

³ De acordo com PHILLIPS E WINKLE (1992), a primeira tuba foi construída em 1835 por Johan Moritz e Wilhem Wieprecht, com patente para tuba baixo em Fá com 5 válvulas de modelo *Berliner-Pumpen*. No entanto os autores ressaltam que apesar da patente de 1835, outros instrumentos parecidos haviam sido criados anteriormente, como a tuba contrabaixo do fabricante Cerveny, feita em 1834 e o trompete baixo em Fá ou Mi bemol do inventor Stolzel, construído em 1828.

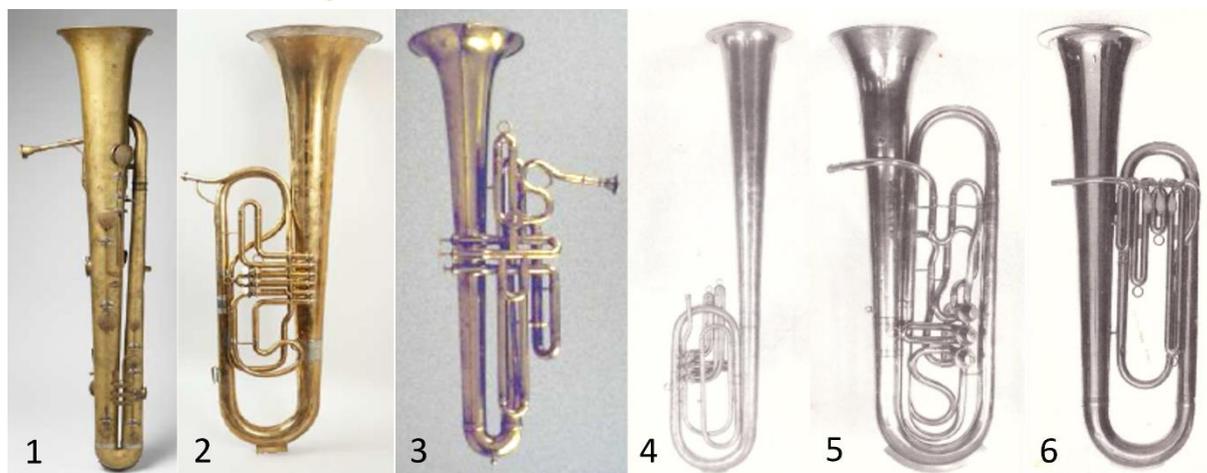
Encontra-se na publicação de KERR (2016, p. 124) afirmação de que a tuba foi introduzida oficialmente nas orquestras italianas após votação no congresso de músicos de Milão em 1881. No entanto, é difícil acreditar que o congresso introduziria um instrumento que ainda não fosse utilizado pelas orquestras italianas da época. Vale ressaltar também que ainda em *Lo Schiavo* de 1887 e em sua última orquestração de *Fosca* em 1889, Carlos Gomes manteve o termo *Bombardone* em suas instrumentações.

Tais fatos, assim como a similaridade no tamanho, sonoridade, função, conicidade e sistemas de válvulas entre o bombardão e a tubas baixo do período em que Gomes concebeu suas orquestrações, levam a crer que o compositor escreveu pensando para a própria tuba baixo ou para um instrumento com características sonoras muito próximas, que apesar de receber outro nome, era na prática uma tuba baixo.

Na ópera *Condor*, cuja estreia ocorreu em 1891, o termo trombone baixo aparece em várias edições, no entanto, no programa de estreia, nota-se que o instrumento responsável pela linha de baixo na família dos metais é a tuba baixo e que o músico responsável pela sua execução era Aneomanti Guglielmo, como pode ser conferido da tese de VIRMOND (2007, p. 142). Tal fato contribui para a possibilidade de que a orquestra utilizasse anteriormente, assim como em *Condor*, a tuba baixo ou um instrumento com mecânica e sonoridade muito próxima a tuba baixo.

Pode-se observar na Figura 4, que não havia grandes diferenças estruturais entre a tuba baixo do século XIX e o bombardão, inclusive, pelas citações acima, pode-se aferir que a diferença entre tais instrumentos se dava apenas pelo número de válvulas e pelo formato como os tubos eram enrolados na sua construção, assim como ocorre com diversos modelos diferentes de tuba da atualidade, que, mesmo com diferentes formatos, mantém suas características básicas, como a sonoridade, conicidade nos tubos e funções exercidas musicalmente. Como exemplo dessa similaridade, é apresentado na Figura 5 diferentes modelos de tuba baixo da atualidade.

Figura 4 - Instrumento 1: Oficleide de 1830. Instrumento 2: Bombardão de 1850. Instrumento 3: Bombardão em Si bemol. Instrumento 4: Tuba baixo Mi bemol de 1860. Instrumento 5: Tuba baixo Fá de 1848. Instrumento 6: Tuba baixo Mi bemol de 1866.



Fontes: Instrumentos 1 e 2 (KERR, 2016, p. 121); Instrumento 3 (KATTHAR, 2014, p.23) Instrumentos 4, 5 e 6 (PHILLIPS e WINKLE, 1992, apêndice B, p. 93 e 94)

Figura 5 - Instrumento 1: Tuba baixo píton Fá, da fabricante Miraphone. Instrumento 2: Tuba sousafone em Mi bemol, da fabricante Wesex. Instrumento 3: Tuba baixo em Fá, da fabricante Miraphone. Instrumento 4: Tuba baixo em Fá, da fabricante Wesex. Instrumento 5: Tuba baixo em Fá, da fabricante Miraphone.



Fontes: Instrumento 1: Disponível em <https://www.miraphone.de/python-tuba.html>. Instrumento 2: Disponível em <https://www.wessex-tubas.com/products/eb-sousaphone-4-valve-sp28>. Instrumento 3: Disponível em <https://www.miraphone.de/f-tuba-281-firebird-5-4-size-bell-40-cm-6-valves-17.html> Instrumento 4: Disponível em <https://www.wessex-tubas.com/products/british-f-tuba-tf458> Instrumento 5: Disponível em <https://www.miraphone.de/media/catalog/product/cache/8654665489c7a5622832682720589150/331281515000100710.jpg>. Todos acessados em 07/07/2023.

De acordo com as especificidades apresentadas e comparações entre os diferentes instrumentos, não são encontradas diferenças reais entre o bombardão e a tuba baixo, levando a hipótese de que ambos os instrumentos são na verdade apenas um, com duas nomenclaturas

diferentes. Algo semelhante ocorre com eufônio e bombardino, dois nomes diferentes para descrever o mesmo instrumento.

Um fato importante para a hipótese de que Carlos Gomes escreveu para a tuba baixo, mesmo chamando o instrumento de *cimbasso* ou *bombardone*, é a forte influência do Tratado de Orquestração de Berlioz na formação italiana de Gomes ao estudar com Mazzucato, professor de orquestração do *Conservatório Régio de Milano* e tradutor da primeira versão em italiano do tratado (NOGUEIRA, 2006, p. 76). Como citado anteriormente, em seu tratado, que também aborda a existência de outros seis instrumentos para tal função, Berlioz trata com destaque a tuba baixo como instrumento para desempenhar o cargo de baixo da família dos metais.

Assumindo tuba baixo e bombardão como o mesmo instrumento com nomes diferentes e o fato de que mesmo escrevendo *cimbasso* Gomes já pensava nesse instrumento, pode-se inferir que em 1870, em sua primeira versão de *Il Guarany*, a tuba baixo já era utilizada nas orquestras, mesmo com o nome de bombardão. Tal fato elege a tuba baixo como o instrumento indicado para a execução das óperas escritas por Carlos Gomes em seu período italiano. A tabela abaixo demonstra o ano das estreias das aberturas das óperas de Gomes, os instrumentos responsáveis pela linha de baixo dos metais assinalado, o provável instrumento utilizado e a indicação atual para a execução das obras.

Tabela 1 - Dados dos baixos utilizados e indicados

Abertura da Ópera	Ano da estreia	Instrumento assinalado	Provável instrumento utilizado	Indicação atual
<i>A noite no Castello</i>	1861	Oficleide	Oficleide	Tuba baixo
<i>Joanna de Flandres</i>	1863	Oficleide	Oficleide	Tuba baixo
<i>Il Guarany</i>	1870	Cimbasso	Bombardão (Tuba Baixo)	Tuba baixo
<i>Il Guarany</i>	1871	Cimbasso	Bombardão (Tuba Baixo)	Tuba baixo
<i>Fosca</i>	1872	Cimbasso	Bombardão (Tuba Baixo)	Tuba baixo
<i>Salvador Rosa</i>	1874	Cimbasso	Bombardão (Tuba Baixo)	Tuba baixo
<i>Fosca</i>	1878	Bombardão	Bombardão (Tuba Baixo)	Tuba baixo
<i>Maria Tudor</i>	1879	Bombardão	Bombardão (Tuba Baixo)	Tuba baixo
<i>Lo Schiavo</i>	1887	Bombardão	Bombardão (Tuba Baixo)	Tuba baixo
<i>Fosca</i>	1889	Bombardão	Bombardão (Tuba Baixo)	Tuba baixo

Condor	1891	Trombone Baixo ou Tuba baixo	Bombardão (Tuba Baixo)	Tuba baixo
--------	------	---------------------------------	------------------------	------------

Fonte: Tabela criada pelos autores

Vale ressaltar que as tubas, tanto baixo quanto contrabaixo, assim como os outros instrumentos da família dos metais, sofreram transformações da década de 1880 até a atualidade. Dentre as maiores mudanças, destacam-se, os tipos de bocais, os diferentes tamanhos de campanas e calibres dos tubos, que proporcionaram maior potência sonora ao naipe. No entanto, as características básicas de som, como o timbre, continuaram próximas ao praticado no período de Gomes, o que reforça a escolha da tuba baixo como instrumento para a performance das obras nas orquestras da atualidade.

4. Conclusões.

Este trabalho é o primeiro a estudar os baixos da família dos metais utilizados nas aberturas das óperas de Antônio Carlos Gomes. Vale destacar que essas obras foram compostas numa época de diversas transformações ocorridas na instrumentação orquestral, tornando confusa a determinação real de qual baixo da família dos metais foi pretendido por Gomes.

Ao longo de sua trajetória composicional, Carlos Gomes utilizou diferentes nomenclaturas para descrever o instrumento que desempenha a função de baixo da família dos metais nas aberturas de suas óperas. Em tal repertório se encontrou as indicações **oficleide**, **cimbasso**, **bombardone** e **tuba baixo** como instrumentos utilizados para desempenhar a função de baixo

Ao analisar a sua formação musical, vale destacar que Gomes recebeu importante influência em sua orquestração de seu pai, Manuel Gomes, e de Alberto Mazzucato. Com o primeiro, adquiriu conhecimento sobre a escrita e funcionalidade do oficleide e do segundo obteve contato com a instrumentação francesa, o qual aborda com detalhes a tuba baixo e suas possibilidades.

Através da verificação da instrumentação das obras pesquisadas, da paleta de instrumentos utilizados no local, no período em que foram escritas e da formação composicional de Carlos Gomes, pode-se inferir que nas duas obras na qual Gomes utilizou os termos oficleide e na ópera em que indicou tuba baixo, o compositor pensou exatamente nesses instrumentos

para desempenhar a função de baixo da família dos metais. Também pode-se inferir que nas obras em que o compositor utilizou os termos *cimbasso e bombardone*, também Gomes pensou na tuba baixo, mesmo assinalando o instrumento por nomes distintos. Tal conclusão se dá pelo fato do termo cimbasso já se referir ao bombardão, bem como pelo motivo de que bombardão e tuba baixo são dois nomes que representam o mesmo instrumento.

Assim, como recomendação de execução das obras na atualidade, o trabalho elege a tuba baixo como indicada para a performance nas aberturas de Carlos Gomes, tanto as escritas para oficleide em seu período brasileiro quanto as escritas para tuba baixo ou bombardão em seu período italiano, pelo fato da tuba baixo ser o instrumento atual com sonoridade mais próxima aos instrumentos assinalados por Gomes em suas óperas.

Referências

BERLIOZ, Hector; STRAUSS, Richard. *Treatise of Instrumentation*. Republicação de 1991. New York: Edwin F. Kalmus, 1948. 424f.

KHATTAR, Albert Savino; *Tuba: sua história, o panorama histórico no Brasil, o repertório solo brasileiro, incluindo catálogo e sugestões interpretativas de três obras*. Campinas, 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

KERR, Isaac William. *Instrumentação e orquestração em Antônio Carlos Gomes: um estudo em seus prelúdios e sinfonias*. Campinas, 2016. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

NOGUEIRA, Marcos Pupo. *Muito além do melodrama: os prelúdios e sinfonias das óperas de Carlos Gomes*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, 319f.

PHLLIPIS, H; WINKLE, W. *The art of tuba and euphonium*. Secaucus: Summy- Brichard INC, 1992.

RONQUI, Paulo Adriano. *O naipe de trompete e cornet nos prelúdios e sinfonias das óperas de Antônio Carlos Gomes*. 2010. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

SANTOS, Rodrigo Alexandre Soares; O repertório e a prática do trombone em Campinas durante a segunda metade do século XIX. Campinas, 2017. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

VIRMOND, Marcos da Cunha Lopes. Construindo a ópera Condor: o pensamento composicional de Antônio Carlos Gomes. 2007. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.